



Construções concessivas escalares: uma abordagem discursivo-funcional

Scalar Concessive Constructions: A Functional-Discourse Grammar Approach

Michel Gustavo Fontes

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul / Brasil

michel.fontes@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0003-2376-8648>

Resumo: Este artigo propõe uma descrição, pautada no modelo teórico-metodológico da Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008), de construções concessivas articuladas pelas conjunções complexas *ainda que* e *mesmo que*, com o objetivo de precisar o estatuto léxico-gramatical dessas conjunções e de mapear as diferentes relações concessivas por elas instauradas. Para tanto, conta-se, como material de análise, com ocorrências do português contemporâneo, coletadas a partir do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006). Defende-se que subjaz, ao uso de construções concessivas com *ainda que* e *mesmo que*, uma associação entre concessividade e escalaridade (König, 1985a; 1985b), o que permite atestar o estatuto intermediário (em termos de contínuo léxico-gramatical) dessas conjunções. Esses resultados demandam, em termos de representação conforme o modelo da GDF, duas questões: (i) representações multiníveis dessas construções alinhando distinções próprias aos dois níveis da formulação, Interpessoal e Representacional, e chegando aos impactos na codificação no Nível Morfossintático, e (ii) a distinção de um novo tipo de primitivo morfossintático, o *padrão conjuncional semifixo*.

Palavras-chave: conjunções concessivas; distinção léxico-gramática; Gramática Discursivo-Funcional.

Abstract: This paper offers a Functional Discourse Grammar (Hengeveld; Mackenzie, 2008) account of concessive constructions articulated by two specific complex conjunctions: *ainda que* and *mesmo que*. Based on contemporary Portuguese data from *Corpus do Português* corpora (Davies; Ferreira, 2006), the analysis proposes an association between concessivity and scalarity underlying the use of concessive

constructions with *ainda que* and *mesmo que* (König, 1985a, 1985b). This association is evidence of an in-between position of these conjunctions in the lexical-grammatical *continuum*. These results demand, for a FDG representation, two directions: (i) a multi-layered representation that aligns properties from formulation levels (Interpersonal and Representational), arriving to impacts on Morphosyntactic encoding, and (ii) the distinction of a new morphosyntactic primitive, the *semi-fixed conjunctive template* (Keizer, 2013).

Keywords: concessive conjunctions; lexical-grammatical dichotomy; Functional Discourse Grammar.

Recebido em 10 de janeiro de 2023.

Aceito em 28 de agosto de 2023.

1 Introdução

Este artigo direciona sua atenção para conjunções concessivas, *que*, conforme König (1985a, 1985b), são, nas línguas em geral, complexas, já que sua formação (geralmente tardia na história das línguas) tende a envolver a combinação de elementos linguísticos já disponíveis no sistema. Nesse sentido, conjunções concessivas são facilmente relacionáveis a outro(s) significado(s), e seus componentes costumam ser perceptíveis em sua forma e/ou em seu significado. Trata-se, portanto, de uma classe bastante produtiva para o debate em torno à aplicabilidade da distinção léxico-gramática às conjunções adverbiais, o que tem ganhado bastante atenção de alguns estudiosos¹ da Gramática Discursivo-Funcional, cuja versão inicial, apresentada em Hengeveld e Mackenzie (2008), delinea uma distinção bastante discreta entre classes de palavras lexicais e classes de palavras gramaticais.

O português abriga, ao lado da conjunção prototípica *embora* (que mascara sua formação complexa, a partir da perífrase circunstancial

¹ Citam-se, aqui, os trabalhos de Fontes (2016), de Fontes e Teixeira (2023), de Hengeveld e Wanders (2007), de Oliveira (2008; 2012; 2014), e de Pérez Quintero (2006; 2013).

em boa hora),² um conjunto de conjunções concessivas de composição complexa mais aparente, frutos da fusão de elementos linguísticos diversos, como *ainda que*, *mesmo que*, *a pesar de que*, *por mais que*, *se bem que*, *nem que*, etc. Em face desse cenário tão diverso, este artigo toma, como objeto de estudo, as conjunções concessivas complexas *ainda que* e *mesmo que*, exemplificadas em (1) e (2).

- (1) Faltam três capítulos curtos. Estado - *Ainda que* se trate de pura ficção, sua literatura remete o leitor diretamente à realidade brasileira. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- (2) Tinha se apegado a ela como a gente se apegava a uma irmã. *Mesmo que* a filha do patrão precisasse de sua informação, não ia dar. (19:Fic:Br:Cavalcante:Inimigos)

O objetivo geral é oferecer uma descrição, pautada nos princípios teórico-metodológicos do modelo da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), de construções concessivas articuladas por *ainda que* e *mesmo que*, o que implica seguir com dois objetivos específicos: (i) precisar o estatuto léxico-gramatical dessas conjunções, e (ii) mapear as diferentes relações concessivas por elas instauradas.

A hipótese aqui assumida é a de que construções como em (1) e (2) são marcadas por certa afinidade entre o significado concessivo ali articulado e o significado escalar associado ao elemento linguístico base da composição dessas conjunções, no caso *ainda* (em *ainda que*) e *mesmo* (em *mesmo que*).³ A construção concessiva em (3), articulada pela conjunção prototípica *embora*, representa-se, conforme o atual estado da GDF, enquanto função semântica Concessão (Conc), atribuída, no Nível Representacional, ao Estado-de-Coisas concessivo (e_j). Como se pode notar, esse tipo de representação não especifica qualquer outro

² É bastante conhecida a história da conjunção concessiva *embora*, que, a partir da redução fonológica do sintagma preposicionado *em boa hora*, usado para expressar bom augúrio (Felicio, 2008; Castilho, 2010), passa a expressar significados espaciais, como *o garoto já se foi embora*, e concessivos, como *embora não tenha estudado, foi aprovado*.

³ Inúmeros trabalhos têm caracterizado a multifuncionalidade de *ainda* e de *mesmo* no português. Entre as diversas funções por eles desempenhadas, figura, conforme defendem Fontes e Moreira (2020) e Fontes e Cânovas (2021), uma de natureza mais pragmática e gramatical, como partículas escalares, nos termos de Schwenter (1999; 2000; 2002).

valor associado à construção concessiva, como parece ser o caso das construções em (1) e (2), que associam *concessão* e *escalaridade*.

- (3) Não é um filme especificamente sobre a guerra da Bósnia, *embora* trate de aspectos dessa guerra. (19Or:Br:Intrv:ISP)
- (e_i : – não é um filme especificamente sobre a guerra da Bósnia – (e_i):
 (e_j : – trate de aspectos dessa guerra – (e_j)_{Conc}) (e_i))

Nesse contraponto, a pergunta que centralmente direciona esta investigação é: quais são os meios e/ou os mecanismos que permitem abordar e representar, em conformidade com o modelo da GDF, a associação entre os dois significados – concessão e escalaridade – subjacentes aos usos das conjunções *ainda que* e *mesmo que*?

Por outro lado, deve-se atentar ao fato de que a GDF é um modelo modular e estratificado de gramática, que concebe pragmática e semântica como componentes gramaticais distintos e independentes. Nesse sentido, uma segunda pergunta se impõe a esta investigação: tendo em vista a modularização e a estratificação de significados que arquetizam o modelo da GDF, como é possível representar as construções circunstanciais em (1) e (2), que associam dois significados funcionalmente distintos – a concessão, de natureza semântica, e a escalaridade, de natureza pragmática?

Para a condução da pesquisa, o material de análise compõe-se de ocorrências reais de uso das conjunções sob análise, relativas ao português contemporâneo (séculos XX e XXI) e coletadas a partir de textos orais e escritos que integram o banco de dados do *Cópus do Português* (Davies; Ferreira 2006), em sua versão histórico/gênero.⁴ Este artigo está estruturado em três seções: a primeira apresenta os fundamentos teóricos subjacentes à proposta de descrição a ser traçada; já a segunda discute o estatuto léxico-gramatical das conjunções *ainda*

⁴ Disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org>, o *Corpus do Português*, em sua versão histórico/gênero, abarca um conjunto de textos e de dados de uso do português, em suas variedades europeia e brasileira, num período que vai dos séculos XIV ao XXI. Esse banco de dados pode ser consultado a partir de um sistema de busca por meio de fórmulas e/ou palavras-chave; no caso deste artigo, a busca se orientou pelas conjunções estudadas (tomadas como palavras-chave), e, para compor a análise, foram levantadas as primeiras cem ocorrências das construções concessivas articuladas por essas construções.

que e mesmo que; a terceira, por fim, mapeia, em termos dos níveis e camadas de representação da GDF, as diferentes relações concessivas articuladas por *ainda que e mesmo que*. Encerram o artigo considerações que procuram sintetizar e realçar os resultados apresentados tendo em vista o quadro teórico maior em que se insere a discussão.

2 Fundamentos teóricos

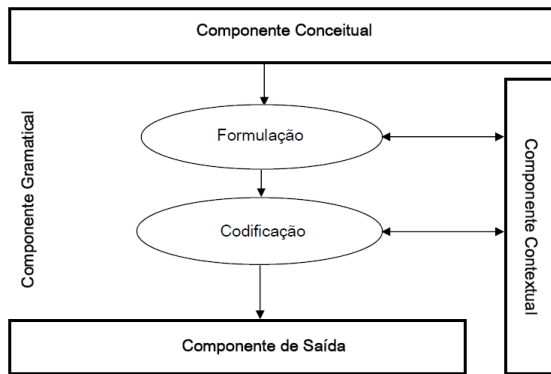
Dois importantes fundamentos teóricos merecem atenção nesta primeira seção: um geral, que diz respeito aos princípios da teoria que embasa este artigo, a GDF, e outro específico, relativo ao modo como a GDF aborda a distinção entre léxico e gramática.

2.1 Apresentação geral do modelo da Gramática Discursivo-Funcional

Enquanto modelo gramatical de orientação (tipológico-) funcional, a GDF reconhece a instrumentalidade da língua em relação aos propósitos comunicativos de seus usuários ao interagir socialmente. Por conseguinte, qualquer expressão linguística é tomada como via de mediação entre os participantes da interação, de modo que não se pode entender a forma (ou a estrutura) linguística enquanto entidade autônoma, mas sim compreendê-la como correlato material de significados funcionais inerentes às conceitualizações e aos propósitos comunicativos dos usuários da língua.

Apoiados nessa premissa funcionalista basilar, Hengeveld e Mackenzie (2008) concebem a GDF enquanto Componente Gramatical de um modelo mais abrangente de interação verbal, como ilustra a figura 1. No interior da interação verbal, o Componente Gramatical (a GDF) está em interação com outros três componentes não-linguísticos, a saber: o Componente Conceitual (módulo em que se gerenciam as conceitualizações e as intenções comunicativas do falante), o Componente Contextual (módulo em que se armazenam informações relativas aos contextos discursivo e/ou comunicativo que determinam a produção de uma expressão linguística) e o Componente de Saída (módulo que toma o *input* vindo do Componente Gramatical e o traduz em material acústico, escrito e/ou simbólico).

Figura 1 – A GDF como parte de uma teoria da interação verbal

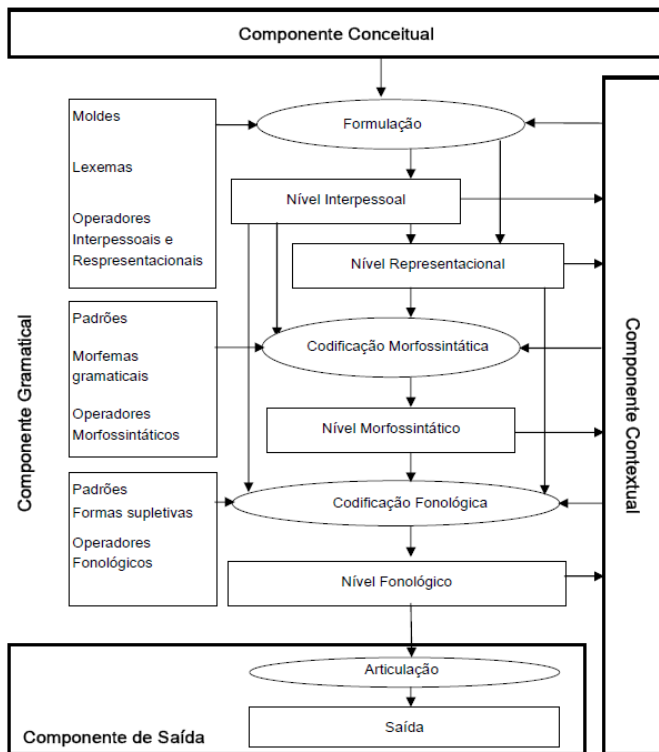


Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 44).

O Componente Gramatical se organiza internamente tendo em vista duas operações determinantes para a confecção de uma expressão linguística: a *formulação*, responsável por converter as intenções e as conceitualizações do falante, provenientes do Componente Conceitual, em representações pragmáticas e semânticas; e a *codificação*, responsável por dar forma linguística, em termos de estruturas morfossintática e fonologicamente analisáveis, às representações (pragmáticas e/ou semânticas) advindas da formulação. Essas operações sustentam os quatro módulos que compõem a GDF, e cada módulo, ao lidar com questões de diferentes níveis de análise linguística, interagem entre si na produção de uma expressão linguística adequada e apropriada às intenções comunicativas do(s) falante(s).

A figura 2 ilustra a arquitetura geral da GDF: enquanto as elipses representam as operações de formulação e de codificação, os retângulos contêm cada um dos níveis de análise e de representação da expressão linguística; os quadrados, por sua vez, abarcam os primitivos que são usados nessas operações.

Figura 2 – Arquitetura geral da GDF



Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2012, p. 46).

Os dois primeiros níveis de análise ocupam-se de questões ligadas à *formulação* de uma expressão linguística. O **Nível Interpessoal** é responsável pela *formulação interpessoal*, que captura as estratégias retóricas e pragmáticas que permeiam a ação comunicativa do falante ao proferir um enunciado linguístico. Assim, no **Nível Interpessoal**, são mapeadas unidades e propriedades linguísticas próprias ao dinamismo da interação verbal, como as de natureza retórica, que dizem respeito ao modo como o falante organiza seu discurso a partir de seu objetivo comunicativo ao interagir com o ouvinte, e as de natureza pragmática, associadas ao modo como o falante modela sua mensagem levando em conta expectativas suas quanto à informação pragmática do ouvinte.

A formalização em (4) dispõe as camadas que organizam hierarquicamente o Nível Interpessoal. A mais alta é o Movimento, que, definido como uma contribuição autônoma para o avanço da interação, pode compor-se de um ou mais Atos Discursivos (A), tomados como “unidades minimamente identificáveis do comportamento comunicativo [que] não necessariamente promovem a conversação na tentativa de se alcançar um objetivo comunicativo” (Kroon, 1995, p. 65).⁵ O Ato Discursivo é organizado, internamente, em termos de uma *Ilocução* (F), de, pelo menos, dois *Participantes* da interação – Falante ((P₁)_S) e Ouvinte ((P₂)_A) – e de um *Conteúdo Comunicado* (C), que se compõem de *Subatos de Atribuição* (T) e de *Referência* (R).

$$(4) \quad (M_1: [(A_1: [(F_1) (P_1)_S (P_2)_A (C_1: [(T_1)_{\{\Phi\}} (R_1)_{\{\Phi\}}] (C_1)_{\{\Phi\}}]) (A_1)_{\{\Phi\}}]) (M_1))$$

Fica a cargo do Nível Representacional a *formulação representacional*, que mapeia os enunciados linguísticos em termos de entidades ontológicas e de propriedades denotativas. Trata-se, assim, do nível da semântica, compreendida de duas maneiras: (i) o modo como as línguas se relacionam com o mundo extralinguístico que descrevem e/ou representam, e (ii) os significados de unidades lexicais (semântica lexical) e/ou unidades complexas (semântica composicional) isolados do uso na comunicação.

O Nível Representacional está organizado a partir de categorias ontológicas como as dispostas em (5). Conteúdos Proposicionais (p) correspondem construtos mentais que não podem ser localizados nem no espaço, nem no tempo, mas que têm lugar na mente dos participantes da interação. Conteúdos Proposicionais podem conter, como núcleo, Episódios (ep), que correspondem a um conjunto de um ou mais Estados-de-Coisas (e) tematicamente coerentes, apresentando unidade em termos de Tempo (t), Localização (l) e Indivíduo (x). O núcleo de um Estado-de-Coisas, por sua vez, pode ser preenchido por uma Propriedade, que pode ser simples, no caso uma Propriedade Lexical (f), ou complexa, que, chamada de Propriedade Configuracional (f^c), abriga os esquemas

⁵ *No original*: “the smallest identifiable units of communicative behaviour. In contrast to the higher order units called Moves, they do not necessarily further the communication in terms of approaching a conversational goal” (Kroon, 1995, p. 65).

de predicação de uma língua. Outras unidades semânticas podem também ser captadas nesse nível, como Indivíduo (x), Locação (l), Tempo (t), Modo (m), Razão (r) e Qualidade (q).

$$(5) \quad (p_1: (ep_1: (e_1: (f_1: [(f_1)^n (x_1)_{\{\Phi\}}] (f_1)) (e_1)_{\{\Phi\}}) (ep_1)_{\{\Phi\}}) (p_1)_{\{\Phi\}})$$

O *input* gerado pelas operações de formulação é linguisticamente estruturado pelos dois níveis da codificação. Sob responsabilidade do Nível Morfossintático, primeiro nível de codificação linguística, está a *codificação morfossintática*, que correlaciona as entidades e propriedades semântico-pragmáticas proveniente dos níveis da formulação a unidades morfossintaticamente analisáveis, representadas em (6). Assim, fica a cargo desse nível qualquer aspecto estrutural, em termos de morfossintaxe, de uma unidade linguística. A *Expressão Linguística* (Le) é sua camada mais alta e pode estruturar-se a partir de outras unidades, como *Oração* (Cl), *Sintagma* (Xp) e/ou *Palavra* (Xw). Os Sintagmas podem ser Nominal (Np), Adjetivo (Adjp), Verbal (Vp) ou Adverbial (Advp), e as Palavras podem ser Lexical (Lw) ou Gramatical (Gw).

$$(6) \quad (El_1: (Cl_1: [(Xw_1) (Xp_1)] (Cl_1)) (El_1))$$

Por fim, a cargo do Nível Fonológico fica a *codificação fonológica*, responsável por tomar todo o *input* dos níveis superiores e construir, para a expressão linguística, representações fonêmicas baseadas em oposições fonológicas binárias, provendo, assim, o *input* necessário para a articulação, de responsabilidade do Componente de Saída.⁶

Em suma, pelo modo de organização da GDF, fica clara sua intenção mais geral de oferecer um modelo de análise e de descrição funcionalmente orientado a partir da correlação entre propriedades formais das unidades linguísticas e propriedades pragmáticas e semânticas subjacentes à intenção comunicativa dos usuários da língua.

2.2 A distinção léxico-gramática na GDF

A distinção entre léxico e gramática no interior do modelo da GDF perpassa, centralmente, dois pontos de sua arquitetura: (i) a proposição

⁶ Por não interessar, aos propósitos analíticos deste artigo, as representações fonológicas das construções e conjunções sob investigação, opta-se por não trazer as formalizações do Nível Fonológico.

de um conjunto de primitivos responsáveis por alimentar a formulação da expressão linguística, e (ii) a abordagem quanto às classes de palavras.

Segundo Hengevel e Mackenzie (2016), a produção de um Ato Discursivo ao longo do Componente Gramatical parte do desenvolvimento, no Componente Conceitual, de uma Mensagem em duas etapas: primeiro, são determinadas as configurações globais da Mensagem, que, ao serem repassadas para o Componente Gramatical, desencadeiam a escolha dos *moldes* (ou *frames*) adequados para se formular a expressão linguística nos Níveis Interpessoal e/ou Representacional; segundo, entram em jogo fatores relativos às intenções comunicativas do falante, as variáveis próprias ao contexto discursivo, a natureza da interação e o impacto do entrincheiramento e do *priming*, assim como de propriedades estruturais. Essa segunda etapa tem impacto sobre a seleção, durante a formulação da expressão linguística, de primitivos, isto é, de Lexemas (núcleos e modificadores), operadores e/ou funções a serem inseridos nos moldes.

Primitivos são, então, elementos linguísticos que atuam na construção e na edificação de uma expressão linguística. A formulação de qualquer expressão linguística envolve três processos interligados, alimentados pelos diferentes tipos de primitivos abrigados no Fundo da GDF: (i) num primeiro momento, são selecionados os *moldes* (ou *frames*), esquemas abstratos que definem as possíveis combinações de unidades interpessoais e/ou representacionais para as camadas dos níveis da formulação; (ii) após isso, passa-se à inserção de Lexemas apropriados aos moldes, e, entre esses lexemas, figuram o *núcleo*, peça central e elementar do molde, e *modificadores*, mecanismos lexicais com que o falante restringe a denotação ou a evocação de uma camada; por fim, (iii) são, então, aplicadas distinções gramaticais aos moldes, o que envolve a apropriada seleção de *operadores*, meios gramaticais com que o falante especifica o conteúdo designado ou evocado por uma camada, e/ou *funções*, estratégias altamente gramaticais empregadas pelo falante para assinalar a relação (semântica ou pragmática) entre unidades linguísticas de mesmo estatuto.

É isso que se nota com o esquema em (7), uma representação geral para qualquer camada dos níveis Interpessoal e Representacional. Nele, observa-se que a camada relevante para análise, representada pela variável v_1 , é restringida por meios lexicais, por um núcleo e/ou por um modificador (σ). Além disso, pode-se aplicar, à camada, estratégias

gramaticais de especificação, como um operador (π), e/ou de relação/vinculação, como uma função (Φ).

$$(7) \quad (\pi v_1: [\text{núcleo } (v_1)_\Phi]: [\sigma (v_1)_\Phi])$$

O segundo ponto que diz respeito à distinção entre léxico e gramática na GDF é a questão das classes de palavras. Hengeveld e Mackenzie (2008) estabelecem duas grandes classes: (i) as classes de Lexemas (ou Palavras Lexicais), que têm lugar apenas no Nível Representacional, e (ii) as classes de Palavras Gramaticais, que são reconhecidas apenas no Nível Morfossintático.

Enquanto itens ou formas de conteúdo, os Lexemas estão disponíveis aos usuários da língua para prover informação designativa necessária para a construção de uma expressão linguística com uso bem sucedido na interação. No Nível Interpessoal, eles correspondem, geralmente, a Subatos, e, no Nível Representacional, são tomados como Propriedades Lexicais. São codificados, no Nível Morfossintático, como núcleo de um Sintagma, sendo que a categoria sintática do Lexema determina o tipo de Sintagma (Keizer, 2015, p. 236).

Hengeveld e Mackenzie (2016) definem as diferentes classes de Lexemas tendo em vista as funções desempenhadas por eles na configuração dos moldes, o que implica considerar dois parâmetros: o estatuto do Lexema (núcleo ou modificador), e o tipo de Subato evocado no Nível Interpessoal. A partir disso, os autores distinguem, no Nível Representacional, quatro grandes classes de Lexemas: (i) a dos Verbos, núcleos de Subatos Atributivos; (ii) a dos Substantivos, núcleos de Subatos Referenciais; (iii) a dos Adjetivos, modificadores de Subatos Referenciais; e (iv) a dos Advérbios, modificadores de Subatos Atributivos.

As Palavras Gramaticais, por sua vez, não são engatilhadas por informação lexical proveniente dos níveis da formulação; elas, na verdade, captam, no Nível Morfossintático, três ordens distintas de informação: (i) primeiramente, há as Palavras Gramaticais que não apresentam qualquer correspondência com unidades representacionais ou interpessoais (são, em geral, Palavras desprovidas de significação), como os *dummies*; (ii) em segundo lugar, existem Palavras Gramaticais que codificam operadores ou funções aplicados às camadas dos níveis da formulação; (iii) e, por fim, há Palavras Gramaticais como proformas e pronomes pessoais, que correspondem a unidades interpessoais e/ou

representacionais sem especificação lexical (e, assim, são representadas como núcleos vazios).

Hengeveld e Mackenzie (2008) chegam, então, ao quadro 1, em que se traça uma compatibilização entre as classes de Lexemas e as classes de Palavras Gramaticais.

Quadro 1 – Correspondências entre as classes de Palavras Lexicais e Gramaticais

Palavras Lexicais	Exemplos	Palavras Gramaticais	Exemplos
Verbo	<i>limpar</i>	Verbo Auxiliar	<i>ir, estar</i>
Substantivo	<i>casa</i>	Pronome	<i>eu, ele, aquele</i>
Adjetivo	<i>bonito</i>	Proadjetivo	<i>tal</i>
Advérbio	<i>agora</i>	Proadvérbio	<i>lá, aí</i>
Adposição	<i>sob, sobre</i>	Adposição Gramatical	<i>de, em</i>
Conjunção	<i>enquanto</i>	Conjunção Gramatical	<i>que, porque</i>
Partícula	<i>hei, uau</i>	Partícula Gramatical	<i>só, até</i>

Fonte: Hengeveld; Mackenzie (2008, p. 401, tradução própria).

Em síntese, a distinção léxico-gramatical tem impacto sobre a delimitação de dois pontos de seu modelo: (i) o cotejo de primitivos com estatuto léxico-gramatical bastante diverso para alimentar a operação de formulação, e (ii) a especificação das classes de palavras (*parts-of-speech*, em inglês) em termos de classes de Lexemas e de classes de Palavras (Gramaticais). Em relação a (ii), deve-se ressaltar, conforme o fazem Hengeveld e Mackenzie (2016), que: (a) as classes de Lexemas se definem funcionalmente a partir dos papéis que os Lexemas cumprem na formulação de moldes interpessoais e/ou representacionais; (b) as diferentes categorias desses Lexemas são especificadas nos níveis Interpessoal e Representacional; (c) na codificação, no Nível Morfossintático, a distribuição sintática e as características morfológicas são as propriedades que determinam as classes de Palavras (Gramaticais).

3 As conjunções complexas *ainda que* e *mesmo que*

Esta seção, após revisar diferentes abordagens pautadas pelo modelo da GDF em torno ao estatuto das conjunções adverbiais e propor um modo próprio de se operacionalizar essa questão, analisa as conjunções complexas concessivas *ainda que* e *mesmo que*.

3.1 Por uma caracterização das conjunções adverbiais conforme a GDF

Articulada a sua abordagem em torno às classes de palavras, a GDF reconhece que a classe de conjunções⁷ abriga membros lexicais e gramaticais. Conjunções Gramaticais são primitivos da codificação morfossintática, isto é, são Palavras Gramaticais introduzidas no Nível Morfossintático como reflexo da codificação de funções (retóricas e/ou semânticas) atribuídas a entidades (camadas) dos níveis Interpessoal e/ou Representacional.

Por exemplo, em (8), a conjunção *because* combina duas orações numa construção adverbial causal. No Nível Representacional, dois Estados-de-Coisas são articulados numa relação de modificação: o primeiro Estado-de-Coisas (e_i), de estatuto nuclear, é modificado pelo segundo, de estatuto subsidiário (e_j), que assinala a circunstância causal que leva à sua (de e_i) ocorrência; assim, no Nível Representacional, é atribuída, a (e_j), a função semântica Causa (*Cause*), codificada, no Nível Morfossintático, pela Conjunção Gramatical *because* (*Gw*) que encabeça a Oração subordinada (^{dep}Cl), encaixada na posição de modificador adverbial do padrão da Oração principal (^{main}Cl).

(8) The boy hasn't come to class *because* he is ill.

NR: (e_i : – the boy hasn't come to class – (e_j : (e_j : – he is ill – (e_j)_{cause}) (e_i))

NM: (^{main}Cl_i: [(^{dep}Cl_i: – the boy – (^{dep}Cl_i)) (Vp_i: – hasn't come – (Vp_i)) (Adpp_i: – to class – (Adpp_i)) (^{dep}Cl_j: – because he is ill – (^{dep}Cl_j))] (^{main}Cl_i)) → (^{dep}Cl_j: [(**Gw_i**: **because** _{Conj} (**Gw_i**)) (Gw_j: he_{pro} (Gw_j)) (Vp_j: – is ill – (Vp_j))] (^{dep}Cl_j))

As Conjunções Lexicais, por sua vez, correspondem a primitivos do Nível Representacional e são analisadas em termos de uma predicação monovalente, isto é, constituem Propriedades Configuracionais (f^e) de um-lugar, compostas por um predicado (f) que seleciona um argumento (α) com função semântica Referência (Ref).

Em (9), *while* articula duas orações numa construção adverbial temporal. Assim como em (8), são articulados, numa relação de

⁷ Para a GDF, seguindo a tradição da Gramática Funcional de Dik (1997a; 1997b), conjunções, ao lado de outros elementos linguísticos (como preposições), correspondem a primitivos relatores (ou relacionais), capazes de relacionar ou de estabelecer articulação (conexão), de natureza diversa, entre elementos e estruturas linguísticas.

modificação, no Nível Representacional, dois Estados-de-Coisas: o Estado-de-Coisas subsidiário (e_i) modifica o Estado-de-Coisas nuclear (e_j), assinalando a circunstância temporal de sua (do primeiro) realização. *While* agrega, para a construção em (8), o valor de simultaneidade, trazendo, então, para a relação temporal, um significado lexical específico. Dada a natureza lexical de *while*, é necessário especificar a configuração interna do Estado-de-Coisas subsidiário (e_i), analisando-a em termos de uma Propriedade Configuracional (f^c) de um-lugar em que o predicado (uma Propriedade Lexical) monovalente *while* toma, como seu argumento, o evento *the baby was sleeping* (e_3), a que se atribui a função semântica Referência (Ref). No Nível Morfossintático, *while* é codificado como uma Palavra Lexical (Lw), prefaciando a Oração subordinada (^{dep}Cl), encaixada na posição de modificador adverbial do padrão da Oração principal (^{main}Cl).

(9) She cleaned the house *while* the baby was sleeping.

NR: (e_i : – she cleaned the house – (e_i): (e_j : – while the baby was sleeping – (e_j)_{Time}) (e_i) → (e_j : (f_i : [(f_i : **while** _{Conj} (f_i)) (e_k : – the baby was sleeping – (e_k)_{Ref})] (f_i)) (e_j)_{Time})

NM: ($^{main}Cl_i$: [(Gw_i : she _{pro} (Gw_i)) (Vp_i : – cleaned – (Vp_i)) (Np_j : – the house – (Np_j))] ($^{dep}Cl_j$: – while the baby was sleeping – ($^{dep}Cl_j$))] ($^{main}Cl_i$))
 → ($^{dep}Cl_j$: [(**Lw_i**: **while** (**Lw_i**)) (Np_i : – the baby – (Np_i)) (Vp_i : – was sleeping – (Vp_i))] ($^{dep}Cl_j$))

Essa proposta de tratamento e de representação, na GDF, de Conjunções Lexicais e Gramaticais parte, em grande medida, dos trabalhos de Mackenzie (1992, 2001, 2013) em torno ao estatuto de preposições espaciais do inglês e tem sido amplamente aplicada em trabalhos em torno a conjunções adverbiais, como Hengeveld e Wanders (2007), Pérez Quintero (2006, 2013) e Oliveira (2008, 2012).

Hengeveld e Wanders (2007) desenvolvem uma caracterização das conjunções adverbiais do inglês em termos de *composição*, podendo ser simples (como *until*) ou complexa (como *in the event that*), e de *estatuto*, podendo ser lexical (como *before*) ou gramatical (como *in case*). Para determinar se uma conjunção é lexical ou gramatical, os autores se valem,

como critério central, da possibilidade de modificação⁸, já que apenas Conjunções Lexicais, por deterem significado lexical, são suscetíveis de restrição por meio de outros elementos lexicais. Para ilustrar isso, os autores (Hengeveld; Wanders, 2007, p. 214) contrastam duas conjunções temporais simples do inglês, *before* e *until* (vd. (10) e (11)), pontuando que, enquanto a conjunção *before* pode ser qualificada pelo sintagma *three hours* (vd. (10)), que restringe o quantitativo de tempo precedente assinalado por ela, o mesmo não se aplica a *until*, que não está disponível para a operação de modificação (vd. (11)). Assim, por esse critério, *before* é uma Conjunção Lexical, e *until*, uma Conjunção Gramatical.

(10) She called him *three hours before* she left.

(11) *She stayed home *three hours until* the meeting began.

Trabalhos como de Pérez Quintero (2006, 2013) e de Oliveira (2008, 2012) têm criticado tal propositura, apontando que tal parâmetro, além de ter caráter exclusivamente formal, é de restrita aplicabilidade, com frágil operacionalização para uma distinção aplicável globalmente à classe de conjunções de uma língua.⁹ Para Oliveira (2008, 2012), a distinção entre Conjunções Lexicais e Gramaticais deve partir do cotejo de parâmetros de ordem pragmática, semântica e morfossintática, centralmente: a possibilidade de atribuição (somente Conjunções Lexicais tem caráter atributivo), a viabilidade para a definição lexical gradual e para a formação de predicados (somente Conjunções Lexicais são passíveis

⁸ Hengeveld e Wanders (2007) se valem de um segundo critério para traçar essa distinção: a possibilidade de combinação entre conjunções. No entanto, os próprios autores reconhecem a sua restrita operacionalização, que, por razões semânticas, parece aplicar-se somente a conjunções temporais.

⁹ Pérez Quintero (2013), ao analisar conjunções do inglês, enfatiza a limitação da *modificação* como critério aplicável na determinação do estatuto léxico-gramatical de conjunções. Segundo a autora, a (in)disponibilidade de uma conjunção para a modificação está mais associada a questões semânticas do que gramaticais. Como exemplo, a autora cita as conjunções temporais, que são mais facilmente modificáveis do que outros tipos de conjunções; além disso, a autora mostra que uma expressão como *three hours* ou *shortly* modifica mais facilmente conjunções temporais como *before* e *after*, que indicam relações entre eventos, do que *until*, que assinala um ponto específico no tempo.

de decomposição lexical gradual e estão disponíveis para as regras de formação de predicado) e o tipo de significado veiculado (o significado de Conjunções Gramaticais é mais abstrato e generalizado, já Conjunções Lexicais apresentam significado lexical específico e concreto).

Na sequência desses trabalhos, e levando-se em conta que, para a GDF, a produção de qualquer expressão linguística envolve duas operações centrais, *formulação* e *codificação*, propõe-se que, para precisar o estatuto léxico-gramatical de conjunções adverbiais, devem ser cotejadas duas questões gerais: (a) uma de natureza discursiva, própria à formulação interpessoal e/ou representacional, que se refere ao funcionamento pragmático-semântico da conjunção; e (b) outra de natureza formal, associada à codificação morfosintática, que avalia a constituição estrutural interna da conjunção. Especificamente, a determinação do estatuto léxico-gramatical de uma conjunção fica condicionada aos seguintes parâmetros:

- i. em termos de formulação (interpessoal e/ou representacional), cabe a uma Conjunção Gramatical apenas assinalar a circunstância adverbial, ou melhor, uma Conjunção Gramatical serve como marca ‘pura e simples’ da relação adverbial articulada entre duas unidades linguísticas; já uma Conjunção Lexical, além de articular duas unidades numa relação circunstancial/adverbial, agrega, para essa relação, algum significado lexical específico¹⁰;
- ii. em termos de codificação, as Conjunções Lexicais tendem a apresentar uma constituição estrutural mais complexa e transparente (e, portanto, menos fixada), enquanto Conjunções Gramaticais tendem a uma constituição menos complexa, menos transparente e, por conseguinte, mais fixada.

A proposição do parâmetro em (ii) toma por base Bybee (2016), que prevê que o grau de fixação/transparência da constituição estrutural de uma unidade linguística complexa pode ser medido em termos do grau de sequencialidade (de *chunking*) entre as partes que a compõe, o que demanda avaliar sua composicionalidade e analisabilidade. Assim, a

¹⁰ Esse critério vai ao encontro do que propõe Oliveira (2008, 2012) ao defender que, enquanto Conjunções Gramaticais marcam uma relação adverbial, as Conjunções Lexicais especificam a relação.

constituição estrutural de Conjunções Lexicais conta com grau proeminente de composicionalidade e de analisabilidade, sendo possível perceber a contribuição dos significados individuais de seus componentes para o significado total e reconhecer suas fronteiras morfossintáticas; no caso das Conjunções Gramaticais, sua constituição estrutural interna é mais fixada (e, por conseguinte, menos analisável e/ou composicional), marcada por reanálise que escamoteia sua formação complexa (o que indicia grau considerável e avançado de gramaticalização/gramaticalidade).

Para ilustrar de que modo se operacionalizam esses dois critérios, contrastam-se as ocorrências em (12) e (13), buscando, conforme o fazem Fontes e Teixeira (no prelo), traçar uma distinção entre *embora*, a conjunção concessiva prototípica, e a conjunção complexa *por mais que*, que articula construções concessivas intensivas (Bechara, 2001; Garcia; Amorim, 2017; Rosario, 2014).

- (12) Para 1997, a meta nossa era repassar para os Estados R\$ 550 milhões, mais R\$ 800 milhões para 1998 e R\$ 1 bilhão para 1999. **Mas este plano acabou frustrado, *embora* tivéssemos recursos.** (19Or:Br:Intrv:ISP)

NR: (e_i: – este plano acabou frustrado – (e_j): (e_j: – tivéssemos recursos – (e_j:_{conc}) (e_i))

NM: (Cl_i: [(Np_i: – este plano – (Np_i)) (Vp_i: – acabou frustrado – (Vp_i)] (^{dep}Cl_j: – embora tivéssemos recursos – (^{dep}Cl_j)) (Cl_i)) → (^{dep}Cl_j: [(**Gw_i**: **embora**_{conj} (**Gw_i**)) (Vp_i: – tivéssemos – (Vp_i)) (Np_i: – recursos – (Np_i))] (^{dep}Cl_j))

- (13) Dito mandou que parassem. ***Por mais que se esforçasse, não conseguia ver o homem outra vez.*** Chegou a admitir que se enganara. (19:Fic:Br:Lins:Avalovara)

NR: (e_i: – não conseguia ver o homem outra vez – (e_j): (e_j: – por mais que se esforçasse – (e_j:_{conc}) (e_i)) → (e_j: (f_i: [(f_i: **mais**_{adv} (f_i)) (e_k: – se esforçasse – (e_k:_{ref})] (f_i)) (e_j:_{conc})

NM: (^{main}Cl_i: [(Gw_i: não (Gw_i)) (Vp_i: – conseguia ver o homem outra vez – (Vp_i)) (**Adpp_i**: – **por mais que se esforçasse** – (**Adpp_i**))] (^{main}Cl_i)) → (**Adpp_i**: [(Gw_i: **por**_{adv} (Gw_i)) (Lw_i: **mais** (Lw_i))] (^{dep}Cl_j: – **que se esforçasse** – (^{dep}Cl_j))] (**Adpp_i**))

Nota-se, tanto em (12), como em (13), que há, entre os fatos ali vinculados, certa incompatibilidade, de modo que a realidade do fato designado pela oração principal se mantém independentemente da circunstância desfavorável expressa na oração concessiva. Assim, as construções concessivas em (12) e em (13) devem ser analisadas, no Nível Representacional, em termos de combinação de dois Estados-de-Coisas: o primeiro (e_i), de estatuto nuclear, é modificado pelo segundo (e_j), de estatuto subsidiário; a este (e_j), que assinala a circunstância apesar da qual se desenvolve aquele (e_i), atribui-se a função semântica Concessão (Conc). No Nível Morfossintático, a concessiva, encabeçada pelas conjunções *embora* e/ou por *por mais que*, encaixa-se no *slot* de modificador adverbial do padrão da Oração principal (^{main}Cl).

Não se pode ignorar, entretanto, uma diferença entre essas ocorrências: em (13), e não em (12), o conflito entre os fatos ali articulados (o que sustenta a expressão da concessão) está atrelado à intensidade com que se desenvolve a circunstância desfavorável designada pela oração concessiva, de modo que o evento de *não conseguir ver o homem outra vez* se sustenta independente da *quantidade* (ou *intensidade*) de *esforço* dispensado, ou seja, paralelo à circunstância concessiva ali assinalada, há um segundo elemento significativo, no caso a intensidade (ou quantificação) assinalada pela base de formação da conjunção, o advérbio *mais*. Tais considerações levam Fontes e Teixeira (2023) a atestar o alto grau de lexicalidade da conjunção *por mais que*, comparado ao alto grau de gramaticalidade de *embora*, tendo em vista dois pontos principais:

- i. em termos funcionais, enquanto *embora*, em (12), assinala unicamente a relação circunstancial *concessão*, *por mais que*, em (13), agrega, à circunstância concessiva, o valor de intensidade, significado próprio ao núcleo de sua estrutura complexa (no caso, o advérbio de grau *mais*);
- ii. em termos formais, *embora* é uma conjunção cuja constituição estrutural é mais fixada, não sendo possível reconhecer as palavras individuais que a compõem (não-analisável, portanto) e não mais preservando, ao lado do significado concessivo, quaisquer significados originais dos itens que a compõem (não-composicional); já a constituição de *por mais que* é menos fixada e mais transparente, de modo que é possível reconhecer suas partes

(altamente analisável) e prever nuances do significado dos itens que a compõem no significado total (altamente composicional).

Assim, enquanto *embora*, no Nível Morfossintático, corresponde a uma Conjunção Gramatical que codificada a função Concessão (Conc) atribuída, no Nível Representacional, ao Estado-de-Coisas subsidiário (e_j), *por mais que* deve ser analisado, no Nível Representacional, como Conjunção Lexical, o que demanda uma especificação da representação do Estado-de-Coisas concessivo (e_j), no Nível Representacional, em termos de uma Propriedade Configuracional de um-lugar (f^c), constituída pelo predicado *mais*, um Lexema da classe dos Advérbios (f_{Adv}), que toma como argumento o evento (e_k) de *eu me esforçasse*, ao qual se atribui a função semântica Referência (Ref). No Nível Morfossintático, o modificador concessivo se estrutura conforme o padrão de um Sintagma Adposicional (Adpp), encabeçado pela Preposição *por* (Gw) e composto pela Palavra Lexical *mais* (Lw) e pela oração completiva *que eu me esforçasse* ($^{dep}Cl_j$), sendo que a conjunção integrante *que* sinaliza a relação de dependência entre predicado e argumento.

É possível depreender, portanto, que a atual abordagem da GDF organiza as conjunções adverbiais em dois grandes conjuntos situados nos extremos do contínuo léxico-gramatical:

- i. o primeiro conjunto, o das Conjunções Gramaticais, encontra-se no polo gramatical e abriga exemplares altamente gramaticalizados, que, conforme Oliveira (2014), são conjunções altamente abstratas, desprovidas de conteúdo lexical, com pouco material fônico e aplicáveis a uma grande variedade de contextos. Somam-se a isso seu funcionamento discursivo como marca ‘pura’ da relação adverbial e sua constituição estrutural mais fixada e altamente reanalisada, com perda significativa de analisabilidade e de composicionalidade;
- ii. o segundo conjunto, da classe de Conjunções Lexicais, encontra-se no polo lexical e abriga os exemplares de gramaticalização bastante incipiente, ou melhor, as conjunções que, segundo Oliveira (2014), caracterizam-se por traços lexicais específicos e por manifestar concretude do seu significado, já que, segundo a autora, as conjunções desse grupo preservam fortemente o significado da fonte, com pouca mudança em relação ao

significado original das partes componentes. Somam-se a isso seu funcionamento discursivo não só como marca da relação adverbial, mas também como especificador de um significado lexical mais específico, e sua constituição estrutural menos fixada, mais transparente e pouco (ou quase nada) reanalisada, com alto grau de analisabilidade e de composicionalidade

Nesse sentido, este trabalho se pergunta: em que ponto desse contínuo (desses dois polos) se encontram as conjunções *ainda que* e *mesmo que*? É esse questionamento que se busca responder na seção a seguir.

3.2 O estatuto léxico-gramatical das conjunções *ainda que* e *mesmo que*

A base de formação das conjunções complexas aqui analisadas são itens multifuncionais no português, no caso *ainda* e *mesmo*, combinados à conjunção subordinativa *que*. E, entre as diversas funções que podem desempenhar *ainda* e *mesmo* no português (Fontes, 2016; Fontes; Moreira, 2020; Fontes; Cânovas, 2021; Teixeira, 2020), o uso mais pragmatizado, exemplificado em (14) e (15), corresponde a partículas escalares (Schwenter, 1999; 2000; 2002).

- (14) O congresso, apesar disso, aprovou propostas pouco realistas e ***ainda mostrou que a direção da CUT não está coesa***. Isso vai prejudicar o desempenho da central daqui para a frente? (Fontes, 2016, p. 109)
- (15) e tenho tido muito relação durante o mes. e porque nem sempre eu consigo gozar ***mesmo meu namorado fazendo todas as preliminares*** (007blog.net)

Em (14), o falante faz uso de *ainda* para atender a sua necessidade comunicativa de sinalizar, ao ouvinte, que, a partir de seu conjunto de conhecimentos em relação ao congresso (como o de *aprovar propostas pouco realistas*), deve ser acrescido o fato de *o Congresso mostrar que a direção da CUT não está coesa*. O mesmo se aplica a (15): o falante sinaliza, com o uso de *mesmo*, que, à informação anteriormente comunicada (a de *nem sempre conseguir gozar*), deve-se adicionar a de *meu namorado fazer todas as preliminares*.

O uso de *ainda* e de *mesmo* nas ocorrências em (14) e (15) materializa, então, uma ação comunicativa do falante em sinalizar, ao ouvinte, que as informações ali evocadas devem ser encaradas como expansões ou acréscimos a partir do que se dispõe anteriormente no fluxo discursivo. Soma-se a isso que *ainda* e *mesmo* impõem uma ordenação escalar entre as informações ali veiculadas (explícita e/ou implicitamente), situando a nova informação acrescida num ponto de maior proeminência comunicativa (e/ou argumentativa) em relação a outras informações disponíveis contextualmente (explícita e/ou implicitamente).

Em (14), por exemplo, o conteúdo de *o Congresso mostrar que a direção da CUT não está coesa* tem, para a argumentação desenvolvida, peso comunicativo maior que qualquer outra informação já disposta naquele discurso, como a de *o congresso aprovar propostas pouco realistas*. Em (15), a contraposição instaurada por *mesmo* recai sobre o fato de se situar a circunstância de *meu namorado fazer todas as preliminares* num ponto mais extremado de uma escala pragmática que implica outras circunstâncias que podem afetar o fato de *ela nem sempre conseguir gozar*; assim, o que se afirma em (15) é que o fato de *ela nem sempre conseguir gozar* se mantém independente de qualquer circunstância, inclusive da situação mais proeminente e favorável como a de *meu namorado fazer todas as preliminares*.

Tal ordenação contrastiva entre alternativas informacionais, no interior de uma escala de implicações pragmáticas, é propriedade do que Schwenter (1999; 2000; 2002) denomina de partícula escalares: *ainda* e *mesmo* assinalam, ambos, a existência de uma escala pragmática ancorada no contexto em que aparece o enunciado e situam a porção informacional por eles escopada num ponto de relativa superioridade em relação a outras alternativas da mesma escala.¹¹

Tendo em vista que, para König (1985b, p. 266), muitas conjunções concessivas, em diversas línguas, originam-se a partir de partículas escalares, este trabalho propõe que construções articuladas pelas conjunções *ainda que* e *mesmo que*, exemplificadas em (16) e (17),

¹¹ Parte-se, aqui, de Schwenter (1999) e Schwenter e Traugott (2000), que reconhecem, além das escalas de natureza semântica (cujas alternativas contrastivas são ordenadas em termos de implicações lógicas), as escalas pragmáticas e as escalas retóricas. No caso das construções concessivas com *ainda que* e *mesmo que*, são instauradas escalas pragmáticas, cujos componentes alternativos se ordenam segundo implicações pragmáticas.

sejam denominadas de **construções concessivas escalares**, em que se nota, associado ao significado concessivo, a marcação de um valor escalar.¹²

- (16) Para os médicos, o esquema também compensa: primeiro, porque mantêm uma clientela fiel; segundo, porque, ***ainda que cobrem bem menos pelos serviços, de acordo com a tabela da AMB, estarão recebendo, em prazo menor, o mesmo valor que receberiam de um convênio.*** (19N:Br:Bahia)
- (17) Ele falava pouco, sem propósito, ***e mesmo que a indiferença de Dadá pelas suas palavras fôsse por demais explícita, o homem arriscava parecer-se:*** -Tenho a minha oficina, a senhora ainda há de me dar a honra, e sou caído pela eletricidade. (19:Fic:Br:Holanda:Burro)

Em (16), a oração prefaciada por *ainda que* conjectura uma circunstância (a de *cobrar bem menos pelos serviços, de acordo com a tabela da AMB*) com potencial para desfavorecer a ocorrência do fato designado na oração principal (o de *estar recebendo, em prazo menor, o mesmo valor que receberiam de um convênio*). Trata-se de uma *construção concessivo-condicional* (König, 1985a; 1985b; 1986), em que o fato expresso na oração principal ocorre apesar da potencial/hipotética circunstância desfavorável designada pela oração encabeçada por *ainda que*.

Construções como em (16) situam-se numa zona entre condicionalidade e concessividade (König, 1985a; 1985b; 1986; Neves, 1999; 2008; 2012): a oração adverbial designa uma circunstância hipotética (valor condicional eventual) cuja relevância para a realização do fato designado pela oração principal é negada (valor concessivo). Ou seja, o fato designado pela oração principal se mantém apesar do potencial e hipotético obstáculo levantado na oração adverbial.

Nessas construções, as orações concessivo-condicionais não designam uma única potencial circunstância desfavorável para a realização do fato principal; na verdade, a oração concessivo-condicional implica uma série de circunstâncias antecedentes relacionadas ao fato consequente (expresso na oração principal); assim, é característica dessas construções que o fato expresso pela oração principal se articule a um

¹² A associação entre concessão e escalaridade também é notada por Santos (2022) em construções articuladas pela perífrase conjuncional *nem que*.

conjunto de potenciais circunstâncias desfavoráveis implicadas pela oração concessivo-condicional. Em (16), por exemplo, *ainda que* não articula, ao fato principal, somente a potencial circunstância desfavorável de *cobrar bem menos pelos serviços, de acordo com a tabela da AMB*, mas ficam ali implicadas outras circunstâncias desfavoráveis com potencial para afetar a realização do fato principal.

Tais circunstâncias implicadas são ordenadas conforme uma escala, e a circunstância desfavorável conjecturada na oração adverbial (no caso de (16), a de *cobrar bem menos pelos serviços, de acordo com a tabela da AMB*) figura como saliente e/ou proeminente no interior dessa escala ali implicada, isto é, em (16), a hipotética circunstância de *cobrar bem menos pelos serviços, de acordo com a tabela da AMB*, entre outras, é a que mais potencialmente pode interferir na concretização de *estar recebendo, em prazo menor, o mesmo valor que receberiam de um convênio*. Nos termos de König (1985a; 1985b; 1986) e de Haspelmath e König (1998), pode-se, então, caracterizar a construção com *ainda que* em (16) como uma **construção concessivo-condicional escalar**.

Já em (17), o fato asseverado na oração principal (o de *o homem arriscar-se parecer-se*) ocorre independentemente da concreta circunstância desfavorável assertada na oração concessiva (a de *a indiferença de Dadá pelas suas palavras ser por demais explícita*). Trata-se de uma *construção concessiva factual*, em que ambas orações articuladas (principal e concessiva) designam circunstâncias de natureza factual.

Este trabalho defende que, em construções concessivas factuais como (17), mantém-se o efeito escalar característico de construções concessivo-condicionais escalares, como (16). Pautando-se pelo princípio de persistência no curso de processos de gramaticalização, conforme Hopper (1991), a marcação escalar associada ao valor concessivo da construção em (17) corresponde, na verdade, a um traço de significado do item fonte (de *mesmo*, portanto) que se mantém na conjunção fruto desse processo, ou melhor, toma-se a escalaridade como significado persistente na emergência, via gramaticalização, da conjunção *mesmo que* (e também de *ainda que*). Assim, o uso de *mesmo que* na articulação da concessiva, em (17), implica que a circunstância designada pela oração concessiva é a mais saliente e/ou proeminente, entre outras que se implicam naquele contexto, para desfavorecer a realização do fato expresso na oração principal.

Construções concessivas escalares caracterizam-se, portanto, pela associação entre concessividade e escalaridade nos seguintes termos: a circunstância (hipotética ou factual) designada pela oração adverbial (concessivo-condicional ou concessiva) é caracterizada como mais importante/saliente/proeminente frente a outras circunstâncias que, naquele contexto, ficam implícitas para desfavorecer/obstruir/impedir a realização do fato expresso na oração principal; o fato principal se mantém e se realiza independentemente da circunstância conjecturada e/ou assinalada na oração adverbial.

Partindo da ideia de que as conjunções *ainda que* e *mesmo que* correspondem, conforme Bybee (2016), a *chunks* desenvolvidos a partir de relações sequenciais entre as partículas escalares *ainda* e *mesmo* e a conjunção *que*, e contrastando as distinções funcionais e formais dessas conjunções e as de outras conjunções concessivas, como *embora* e *por mais que*, este artigo defende que:

- i. em termos funcionais, *ainda que* e *mesmo que* articulam construções em que a oposição de ideias/fatos/informações (base do significado concessivo) associa-se a efeitos contrastivos escalares, de modo que a circunstância (hipotética/potencial ou real/factual) desfavorável, designada pela oração concessiva, figura, no interior de uma escala implicada contextualmente, como mais saliente para impactar/condicionar/afetar/desfavorecer, de alguma maneira, a ocorrência do fato expresso na oração principal;
- ii. quanto a sua constituição estrutural interna, as perífrases *ainda que* e *mesmo que* apresentam grau intermediário de composicionalidade e de analisabilidade. Quanto à composicionalidade, é possível perceber que, como parte do processo de gramaticalização dessas conjunções, o significado escalar dos componentes fonte (*ainda* e *mesmo*) é reinterpretado como parte do significado total e alvo das conjunções (concessão), de modo que só se pode defender, para elas, um grau intermediário de composicionalidade. Já em termos de analisabilidade, há certo contrabalanço, uma vez que se reconhecem as palavras individuais que compõem essas conjunções complexas – (*ainda + que*) e (*mesmo + que*) –, porém, ao mesmo tempo, não mais se ativam totalmente e globalmente as relações morfossintáticas entre elas.

Nesse sentido, quando comparadas a *embora* e a *por mais que*, *ainda que* e *mesmo que* integram, em termos de estatuto léxico-gramatical, um grupo intermediário, no entremeio dos polos gramatical e lexical, que, conforme descreve Oliveira (2014), abarca conjunções que preservam certo grau de significado lexical, isto é, abriga conjunções cujo significado já passou por processos de mudança que levaram a uma abstratização mais acentuada do conteúdo lexical.

Esse grupo não encontra correspondência com qualquer primitivo previsto na GDF e nem pode ser representado do mesmo modo que se representam as Conjunções Lexicais e/ou Gramaticais. Assim, na próxima seção, são abordadas detalhadamente distintas construções concessivas articuladas por *ainda que* e *mesmo que*, oferecendo um meio adequado de representá-las conforme o modelo da GDF.

4 Descrição discursivo-funcional de construções concessivas com *ainda que* e *mesmo que*

Amparado na literatura em torno à concessão no português (Garcia, 2010; Neves, 1999; 2008; 2012; Olbertz; Garcia; Parra, 2016; Stassi-Sé, 2012; Zamproneo, 2014), este trabalho defende que as construções articuladas por *ainda que* e *mesmo que* são de três tipos: as concessivo-condicionais, as concessivas factuais e as restritivas. Nesta seção, objetiva-se propor uma descrição dessas construções considerando o estatuto intermediário, em termos do contínuo léxico-gramatical, dessas conjunções.

Em (18) e (19), dispõem-se construções concessivo-condicionais escalares. Nessas ocorrências, os fatos designados pelas orações principais se processam independentemente das potenciais circunstâncias desfavoráveis conjecturadas nas orações concessivo-condicionais: afirma-se a realidade do evento de *a mulher de Delfino discutir seu caso com padre Estêvão*, em (18), e a veracidade da opinião de *não dar uma garantia*, em (19), apesar das hipotéticas circunstâncias desfavoráveis designadas nas orações concessivo-condicionais, como a de *o mundo vir abaixo*, em (18), e de *eu ter certeza que o sistema é inviolável*, em (19).

- (18) Delfino tinha um grande respeito pela mulher quando resolvia fazer alguma coisa. Sabia, por exemplo, que **ela ia discutir o**

caso dele, Delfino, com padre Estêvão, ainda que o mundo viesse abaixo. (19:Fic:Br:Callado:Madona)

NI: (A_i: [(C_i: – ela ia discutir o caso dele, Delfino, com o padre Estêvão – (C_i)) (C_j: – o mundo viesse abaixo – (C_j)_{Cont}]) (A_i))

NR: (e_i: – ela ia discutir o caso dele, Delfino, com o padre Estêvão – (e_i): (**hyp** e_j: – o mundo viesse abaixo – (e_j)_{Conc}) (p_i))

NM: (Cl_i: [(Nw_i: – ela – (Nw_i)) (Vp_i: – ia discutir – (Vp_i)) (Np_i: – o caso dele, Delfino – (Np_i)) (Adpp_i: – com o padre Estêvão – (Adpp_i)) (^{dep}Cl_j: – ainda que o mundo viesse abaixo – (^{dep}Cl_j))] (Cl_i)) → (^{dep}Cl_j: [[(**Gw_i**: **ainda**_{Part} (**Gw_i**)) (**Gw_i**: **que**_{Conj} (**Gw_i**))] _{connect} (Np_i: – o mundo – (Np_i)) (Vp_i: – viesse – (Vp_i)) (Advp_i: – abaixo – (Advp_i))] (^{dep}Cl_j))

(19) **Sou administrador de sistemas no meu departamento, e eu não daria uma garantia destas, mesmo que eu tivesse certeza que o sistema é inviolável.** (19Or:Br:Intrv:Web)

NI: (A_i: [(C_i: – eu não daria uma garantia destas – (C_i)) (C_j: – eu tivesse certeza que o sistema é inviolável – (C_j)_{Cont}]) (A_i))

NR: (p_i: – eu não daria uma garantia destas – (p_i): (**hyp** p_j: – eu tivesse certeza que o sistema é inviolável – (p_j)_{Conc}) (p_i))

NM: (Cl_i: [(Nw_i: – eu – (Nw_i)) (Gw_i: não (Gw_i)) (Vp_i: – daria – (Vp_i)) (Np_i: – uma garantia destas – (Np_i)) (^{dep}Cl_j: – mesmo que eu tivesse certeza que o sistema é inviolável – (^{dep}Cl_j))] (Cl_i)) → (^{dep}Cl_j: [[(**Gw_i**: **mesmo**_{Part} (**Gw_i**)) (**Gw_i**: **que**_{Conj} (**Gw_i**))] _{connect} (Nw_i: – eu – (Nw_i)) (Vp_i: – tivesse – (Vp_i)) (Np_i: – certeza que o sistema é inviolável – (Np_i))] (^{dep}Cl_j))

Além disso, nessas construções, não é somente uma única potencial circunstância desfavorável que se articula ao evento ou à proposição principal; fica, na verdade, implicada, naquele contexto comunicativo, uma escala de circunstâncias desfavoráveis para a asserção/consolidação dos fatos principais, e as circunstâncias assinaladas pelas orações concessivo-condicionais correspondem às de maior saliência ou importância para impactar a concretização do evento e da proposição principal. Em (18), por exemplo, a circunstância de *o mundo vir abaixo* (entre outras ali implicadas) é a que mais poderia desfavorecer a ocorrência do evento expresso na oração principal (de *a mulher de Delfino discutir seu caso com padre Estêvão*). Já em (19), a potencial

circunstância de *eu ter certeza que o sistema é inviolável* ocupa uma posição mais proeminente entre tantas outras que desfavoreceriam o fato de *dar uma garantia*.

Para descrever, conforme a arquitetura da GDF, as construções em (18) e (19), procede-se com o alinhamento multinível de representações, partindo das distinções funcionais captadas pelos níveis da formulação (Interpessoal e Representacional) e chegando aos seus impactos na codificação no Nível Morfossintático.

Sob responsabilidade dos níveis da formulação, encontra-se o mapeamento dos seguintes traços característicos das construções em (18) e (19): (i) a concessividade aliada à eventualidade/hipoteticidade da circunstância descrita pela oração adverbial (o que configura as ocorrências como construções concessivo-condicionais), e (ii) a natureza escalar implicada nesse tipo de construção concessivo-condicional. Esses dois traços são capturados em diferentes níveis: o último, de natureza pragmática, distingue-se no Nível Interpessoal, enquanto o primeiro, de natureza semântica, determina-se no Nível Representacional.

Em termos de formulação interpessoal, as construções concessivo-condicionais em (18) e (19) correspondem a um único Ato Discursivo (A_1), nucleado por dois Conteúdos Comunicados ((C_1) e (C_2)), um evocado pela oração principal (C_1), outro, pela oração concessivo-condicional (C_2). Ao assinalar a proeminência de uma situação desfavorável frente a outras implicadas contextualmente, está em jogo, na verdade, a estrutura informacional das construções concessivo-condicionais escalares, e isso leva a entender que a propriedade da escalaridade pode ser representada por meio da atribuição da função pragmática Contraste (Cont) ao segundo Conteúdo Comunicado (C_2), que, no Nível Morfossintático, corresponde à oração concessivo-condicional.

A função Contraste, na GDF, corresponde a uma estratégia pragmática do falante em realçar as diferenças (ou os contrastes) que pode haver entre Conteúdos Comunicados ou entre um Conteúdo Comunicado e informações disponíveis contextualmente. E é isso que se observa nas construções em (18) e (19): os Conteúdos Comunicados (a possível circunstância desfavorável) evocados pelas orações concessivo-condicionais (C_2) geram certa contraposição com outros implicados contextualmente, e tal contraposição está assentada numa escala pragmática que ordena informações em termos de saliência e de importância, sendo

que os conteúdos evocados pelas orações concessivo-condicionais são mais proeminentes/salientes/importantes que outros ali implicados.

Já em termos de formulação representacional, as construções em (18) e (19) articulam diferentes entidades: enquanto, em (18), são articulados dois Estados-de-Coisas ((e_i) e (e_j)), em (19), articulam-se dois Conteúdos Proposicionais ((p_i) e (p_j)). Nos dois casos, o segmento nuclear ((e_i) ou (p_i)) é modificado pelo segmento dependente ((e_j) ou (p_j)), ao qual se atribui a função semântica Concessão (Conc). A natureza eventiva, não-factual e/ou hipotética da construção (o que faz dela uma construção concessivo-condicional) se representa, conforme propõem Olbertz, Garcia e Parra (2016), pela aplicação de um operador de hipoteticidade (hyp) ao Estado-de-Coisas (e_j) e/ou ao Conteúdo Proposicional (p_j) que figura como a circunstância desfavorável para a concretização do fato principal.¹³

Por fim, na codificação morfossintática, as orações concessivo-condicionais correspondem a Orações adverbiais dependentes (^{dep}CI), encaixadas na posição de modificador da Oração principal (^{main}CI). Essas orações são encabeçadas pelas conjunções complexas *ainda que* e *mesmo que*, que, conforme exposto na seção anterior, são perífrases conjuncionais com grau intermediário de composicionalidade e de analisabilidade. Seguindo, então, a proposta de Keizer (2013), propõe-se abordar *ainda que* e *mesmo que*, no Nível Morfossintático, como construções mistas, especificamente como *padrões (conjuncionais) semifixos*.

Keizer (2013, p. 242) defende que a GDF deve reconhecer, no Nível Morfossintático, um novo tipo de primitivo, o *padrão semifixo*, que, armazenado na memória de longo-termo do usuário da língua, é selecionado durante a operação de codificação morfossintática, dando abrigo a qualquer unidade linguística de natureza semifixa. De modo geral, *padrões semifixos*, na GDF, correspondem a padrões morfossintáticos parcialmente instanciados e/ou preenchidos. Inspirado nessa proposta, e tomando a natureza relatora (ou conectiva) de *ainda que* e *mesmo que*, opta-se por tratar tais conjunções complexas como membros associados

¹³ Retoma-se aqui a noção de factualidade de Hengeveld (1998), para quem orações adverbiais não-factuais designam eventos irreais e/ou proposições não-verdadeiras, ou melhor, eventos e/ou proposições que, frente à referência temporal instaurada pelo evento/proposição expresso/a na oração principal, não são podem ser tomados como reais e/ou verdadeiras, mas como projeções possíveis.

a um tipo específico de padrão semifixo, aqui denominado de *padrão conjuncional semifixo*, representado em (20):

$$(20) \quad [(Gw_1) (Gw_2: \text{que}_{\text{Conj}} (Gw_2))]_{\text{conect}}$$

O padrão conjuncional semifixo em (20), altamente produtivo para abrigar uma série de conjunções complexas em português,¹⁴ envolve um parcial preenchimento de seus *slots*, ou melhor, esse padrão dispõe de dois *slots* para Palavras Gramaticais (Gw), de modo que o segundo (Gw₂) é necessariamente preenchido pela Conjunção Gramatical *que*, e o primeiro (Gw₁) é mais aberto, podendo ser preenchido por diversos elementos gramaticais disponíveis na língua e que estão disponíveis para a formação de conjunções adverbiais complexas. No caso deste artigo, o primeiro *slot* do padrão conjuncional semifixo se preenche pelas Partículas *ainda* e/ou *mesmo* (Part), que codificam a escalaridade, a função pragmática Contraste, atribuída ao Conteúdo Comunicado concessivo-condicional no Nível Interpessoal. Assim, este artigo caracteriza as conjunções *ainda que* e *mesmo que* como padrões conjuncionais concessivos semifixos, representados, respectivamente, em (21) e (22):

$$(21) \quad [(Gw_i: \text{ainda}_{\text{Part}} (Gw_i)) (Gw_j: \text{que}_{\text{Conj}} (Gw_j))]_{\text{conect}}$$

$$(22) \quad [(Gw_i: \text{mesmo}_{\text{Part}} (Gw_i)) (Gw_j: \text{que}_{\text{Conj}} (Gw_j))]_{\text{conect}}$$

Após descrever as concessivo-condicionais escalares com *ainda que* e *mesmo que*, volta-se a atenção para as construções concessivas factuais (escalares) dispostas em (23) e (24). Nota-se que, em (23) e (24), os fatos descritos nas orações principais (de *o deputado e economista Antônio Delfim Netto gostar das medidas de ajuste* ou de *os custos operacionais serem grandes*) se mantêm e são verdadeiros apesar das reais circunstâncias desfavoráveis designadas pelas orações encabeçadas por *ainda que* e *mesmo que* (*essas medidas necessitar de uma análise mais detalhada e a licença ser 'grátis'*).

¹⁴ O padrão semifixo em (20) parece dar conta, além de *ainda que* e *mesmo que*, de uma série de conjunções complexas formadas a partir do esquema *X-que* (Cezario; Santos; Santos Silva, 2015), como *sempre que*, *antes que*, *logo que*, *desde que*, *contanto que*, *já que*, entre outras.

- (23) **O deputado e economista Antônio Delfim Netto gostou das medidas de ajuste, *ainda que* elas necessitem de uma análise mais detalhada.** “Antes tarde do que nunca”, disse ele. (19N:Br:Recf)

NI: (A_i: [(C_i: – o deputado e economista Antônio Delfim Netto gostou das medidas de ajuste – (C_i)) (C_j: – elas necessitem de uma análise mais detalhada – (C_j)_{Cont}]) (A_i))

NR: (p_i: – o deputado e economista Antônio Delfim Netto gostou das medidas de ajuste – (p_i): (p_j: – elas necessitem de uma análise mais detalhada – (p_j)_{conc}) (p_i))

NM: (Cl_i: [(Np_i: – o deputado e economista Antônio Delfim Netto – (Np_i)) (Vp_i: – gostou – (Vp_i)) (Adpp_i: – das medidas de ajuste – (Adpp_i)) (^{dep}Cl_j: – ainda que elas necessitem de uma análise mais detalhada – (^{dep}Cl_j))] (Cl_i)) → (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: **ainda**_{part} (Gw_i)) (Gw_i: **que**_{conj} (Gw_i))] _{connect} (Nw_i: – elas – (Nw_i)) (Vp_i: – necessitem – (Vp_i)) (Addp_i: – elas necessitem de uma análise mais detalhada – (Addp_i))] (^{dep}Cl_j))

- (24) **O custo da licença é cerca de 20-30% do custo de um programa; os outros 80-70% são operação, customização e atualização/correção. *Mesmo que* a licença seja “grátis”, os custos operacionais são grandes, e e ai que está a mina de ouro.** (19Or:Br:Intrv:Web)

NI: (A_i: [(C_i: – os custos operacionais são grandes – (C_i)) (C_j: – a licença seja ‘grátis’ – (C_j)_{Cont}]) (A_i))

NR: (e_i: – os custos operacionais são grandes – (e_i): (e_j: – a licença seja ‘grátis’ – (e_j)_{conc}) (e_i))

NM: (Cl_i: [(^{dep}Cl_j: – mesmo que a licença seja ‘grátis’ – (^{dep}Cl_j)) (Np_i: – os custos operacionais – (Np_i)) (Vp_i: – são – (Vp_i)) (Adjp_i: – grandes – (Adjp_i))] (Cl_i)) → (^{dep}Cl_j: [(Gw_i: **mesmo**_{part} (Gw_i)) (Gw_i: **que**_{conj} (Gw_i))] _{connect} (Np_i: – a licença – (Np_i)) (Vp_i: – seja – (Vp_i)) (Adjp_i: – ‘grátis’ – (Adjp_i))] (^{dep}Cl_j))

Segue-se, para (23) e (24), com a proposta de alinhamento multinível de representações. Nos níveis da formulação, são distinguidos dois traços característicos das construções em (23) e (24): a concessividade da circunstância descrita pela oração adverbial,

especificada no Nível Representacional, e a escalaridade implicada na construção concessiva, representada no Nível Interpessoal.

No tocante à formulação interpessoal, as construções concessivas factuais em (23) e (24) correspondem a um Ato Discursivo nucleado por dois Conteúdos Comunicados ((C_i) e (C_j)), sendo que, ao conteúdo evocado pela oração concessiva (C_j), atribui-se a função pragmática Contraste (Cont), o que dá conta de representar a propriedade da escalaridade. Já quanto a formulação representacional, as construções concessivas factuais¹⁵ podem articular dois Conteúdos Proposicionais ((p_i) e (p_j)), como em (23), ou dois Estados-de-Coisas ((e_i) e (e_j)), como em (24); nos dois casos, o segmento nuclear ((e_i) ou (p_i)) é modificado pelo segmento dependente ((e_j) ou (p_j)), ao qual se atribui a função semântica Concessão (Conc).

No Nível Morfossintático, as orações concessivas correspondem a Orações adverbiais dependentes (^{dep}Cl), encaixadas na posição de modificador da Oração principal (^{main}Cl) e encabeçadas pelas conjunções complexas *ainda que* e *mesmo que*, codificadas como *padrões conjuncionais concessivos semifixos*.

Além das construções concessivo-condicionais e concessivas factuais, as conjunções *ainda que* e *mesmo que* podem encabeçar orações e/ou sintagmas que, em relação a outro segmento, assinalam uma relação de natureza mais pragmática, especificamente, conforme define Zamproneo (2014), a relação de restrição, de que são exemplos as ocorrências de (25) a (28). Nas construções restritivas, não mais se designa um obstáculo (hipotético e/ou real) para a realização do fato expresso na oração principal, mas evoca-se um obstáculo real para a felicidade de um Ato Discursivo dirigido pelo falante.

Nas ocorrências em (25) e (26), a restrição envolve, conforme aponta Zamproneo (2014), um enfraquecimento da força argumentativo do segmento central para o discurso ali instaurado. Nota-se, especificamente, que as orações restritivas apresentam um conteúdo que afeta a validade da conclusão a que o argumento apresentado na oração nuclear deseja chegar.

¹⁵ Para Hengeveld (1998), orações adverbiais factuais designam eventos reais e/ou proposições verdadeiras, ou melhor, eventos e/ou proposições que, em relação à referência temporal instaurada pelo evento/proposição principal, são tomados/as reais e/ou verdadeiras.

- (25) Ela já tinha partido e nada sofreu. Tenta ultrapassar as convenções, ainda que uma única vez, em nome de algo mais humano. Não te ofendas. **Esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez. Ainda que te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha.** Somos como nuvens. Elas passam e se misturam, se confundem umas nas outras. Não vamos ficar. (19:Fic:Br:Carvalho:Bebados)

NI: (M_i: [(A_i: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (A_i)) (A_j: [(C_i: – te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha – (C_i)_{Cont}]) (A_j)_{Conc}]) (M_i))

NM: (Le_i: [(Cl_i: – esquece os costumes, o que pensarão de ti, só hoje, só esta vez – (Cl_i)) (Cl_j: – ainda que te pareça obsceno este pedido, nestas circunstâncias, sobre o corpo da tua sobrinha – (Cl_j))] (Le_i)) → (Cl_j: [[(Gw_i: **ainda**_{Part} (Gw_i)) (Gw_i: **que**_{Conj} (Gw_i))] _{conect} (Vp_i: – te pareça – (Vp_i)) (Adjp_i: – obsceno – (Adjp_i)) (Np_i: – este pedido – (Np_i)) (Adpp_i: – nestas circunstâncias – (Adpp_i)) (Adpp_j: – sobre o corpo da tua sobrinha – (Adpp_j))] (Cl_j))

- (26) Então jure, **jure que nunca dirá a ninguém.** Haja o que houver, **mesmo que você brigue comigo** - jure! (19:Fic:Br:Rodriguez:Destino)

NI: (então M_i: [(A_i: – jure – (A_i)) (A_j: – jure que nunca dirá a ninguém – (A_j)) (A_k: – haja o que houver – (A_k)_{Conc}) (A_p: [(C_i: – **você brigue comigo** – (C_i)_{Cont}]) (A_p)_{Conc}) (A_m: – jure – (A_m))] (M_i))

NM: (Le_i: [(Cl_i: – então jure – (Cl_i)) (Cl_j: – jure que nunca dirá a ninguém – (Cl_j)) (Cl_k: – haja o que houver – (Cl_k)) (Cl_p: – mesmo que você brigue comigo – (Cl_p)) (Cl_m: – jure – (Cl_m))] (Le_i)) → (Cl_p: [[(Gw_i: **mesmo**_{Part} (Gw_i)) (Gw_i: **que**_{Conj} (Gw_i))] _{conect} (Np_i: – você – (Np_i)) (Vp_i: – brigue – (Vp_i)) (Np_j: – comigo – (Np_j))] (Cl_p))

Em (25), a oração encabeçada por *ainda que* não traz uma circunstância desfavorável para a proposição expressa na oração principal, mas sim para a ordem que essa oração expressa num âmbito mais discursivo. Do mesmo modo, em (26), o falante reconhece que as interpelações ali feitas por ele em direção a seu ouvinte podem encontrar alguns obstáculos, num âmbito mais discursivo, e ele, o falante, mantém sua interpelação apesar desses obstáculos enunciados. Na GDF, as

distinções próprias à formulação das construções restritivas em (25) e (26) são mapeadas apenas no Nível Interpessoal, e direcionadas para a codificação no Nível Morfossintático.

Em termos de formulação interpessoal, as construções restritivas em (25) e (26) combinam, numa relação de dependência, dois Atos Discursivos ((A_i) e (A_j/A_p)): o primeiro (A_i), por conter a peça de informação de maior relevância comunicativa naquele contexto, consiste num Ato Nuclear, enquanto o segundo (A_j/A_p), de caráter restritivo, consiste num Ato Subsidiário; a este último se atribui a função retórica Concessão (Conc).

Nesse tipo de construção, ainda se pode notar traços de um valor escalar, já que as restrições evocadas nos Atos Subsidiários figuram como mais salientes entre outras que poderiam invalidar as interpelações performadas nos Atos Nucleares. Dada essa natureza escalar das construções restritivas com *ainda que* e *mesmo que*, faz-se necessário especificar a representação interna do Ato Subsidiário restritivo (A_j/A_p), prevendo, para seu Conteúdo Comunicado (C), a atribuição da função pragmática Contraste (Cont).

Na codificação morfossintática, segmento nuclear e segmento restritivo correspondem a Orações (Cl) combinadas, via Extraoracionalidade, no padrão da Expressão Linguística (Le). As conjunções complexas *ainda que* e *mesmo que*, que encabeçam a oração restritiva (Cl_j/Cl_p), continuam a ser codificadas como padrões conjuncionais semifixos em que se combinam duas Palavras Gramaticais (Gw): a Partícula *ainda* ou *mesmo* e a Conjunção *que*.

Em (27) e (28), observam-se casos de construções restritivas em que as conjunções *ainda que* e *mesmo que* introduzem sintagmas de natureza parentética, inserindo alguma ressalva em relação a informações evocadas no interior dos segmentos discursivos nucleares. Trata-se, assim, de uma estratégia de restrição da abrangência referencial e/ou atributiva de informações centrais para o evento comunicativo ali instaurado (Jubran, 2006, p. 329).

- (27) Estado - **A Quarentena abre com belo, *ainda que* rápido, retrato de Rimbaud.** Você já publicou também alguns livros de poemas. Em que medida o poeta Le Clézio influencia o trabalho do romancista? (19Or:Br:Intrv:ISP)

NI: (M_i: [(A_i: – a Quarentena abre com belo retrato de Rimbaud – (A_j)) (A_j: (T_i: – rápido – (T_i)_{Cont}) (A_j)_{Conc}]) (M_i))

NM: (Le_i: [(Cl_i: – a Quarentena abre com belo retrato de Rimbaud – (Cl_i)) (Adj_i: – ainda que rápido – (Adj_i))] (Le_i) → (Adj_i: [[(Gw_i: **ainda**_{Part} (Gw_i)) (Gw_i: **que**_{Conj} (Gw_i))] _{connect} (Lw_i: –rápido – (Lw_i))] (Adj_i))

(28)

Caminhando até o vestíbulo de seus aposentos, olha-se num espelho veneziano. **O nariz é duro, reto, mesmo que exagerado**, a testa larga da inteligência e, depois, abaixando a vista, se lhe aparecem as verrugas, ilhas do arquipélago que contornam o rasgo de sua boca com lábios finos. (19:Fic:Br:Novaes:Mao)

NI: (M_i: [(A_i: – o nariz é duro, reto – (A_i)) (A_j: (T_i: – exagerado – (T_i)_{Cont}) (A_j)_{Conc}]) (M_i))

NM: (Le_i: [(Cl_i: – o nariz é duro, reto – (Cl_i)) (Adj_i: – mesmo que exagerado – (Adj_i))] (Le_i) → (Adj_i: [[(Gw_i: **mesmo**_{Part} (Gw_i)) (Gw_i: **que**_{Conj} (Gw_i))] _{connect} (Lw_i: – exagerado – (Lw_i))] (Adj_i))

Em (27), a evocação do atributo *rápido* limita a força argumentativa que a evocação do atributo *belo* traz para a declaração de *a Quarentena abrir com belo retrato de Rimbaud*, isto é, há uma incompatibilidade entre duas qualidades atribuídas ao quadro de Rimbaud – *belo* e *rápido* – de forma que a enunciação de *rapidez* limita qualquer expectativa em relação à declaração de que *a quarentena abre com belo quadro de Rimbaud*, como a de que *o quadro teria uma exposição permanente*. Já em (28), o atributo *exagerado* impacta, de alguma forma, na atribuição das qualidades de *duro* e de *reto* a *nariz*, isto é, a evocação do atributo *exagerado* vem restringir qualquer expectativa que poderia implicar, naquele contexto comunicativo, a declaração de *o nariz ser duro, reto*.

Assim como em (25) e (26), tem-se, em (27) e (28), construções restritivas escalares que demanda uma representação que alinha os níveis Interpessoal e Morfossintático. Em termos de formulação interpessoal, são combinados dois Atos Discursivos, numa relação de dependência, sendo o Ato subsidiário (A_j) nucleado apenas por um Subato Atributivo (T_i). Ao Ato Subsidiário é atribuída a função retórica Concessão (Conc), e, internamente ao Ato Subsidiário, é assinalada, ao Subato Atributivo

(T_i), a função pragmática *Contraste*, o que permite mapear a escalaridade associada a essas construções.

Na codificação morfossintática, construções como em (27) e (28) são Expressões Linguísticas (Le) que combinam, numa relação de Extraoracionalidade, uma Oração (Cl) e um Sintagma Adjetivo (Adj_p), encabeçado pelas conjunções *ainda que* e *mesmo que*, que consistem em *padrões conjuncionais concessivos semifixos*.

Em suma, esta seção demonstra a necessidade de se distinguir, no Nível Morfossintático, um tipo de primitivo, o *padrão conjuncional semifixo*, capaz de codificar as distinções funcionais envolvidas na articulação adverbial por meio de conjunções complexas. No caso de *ainda que* e *mesmo que*, esse padrão conjuncional semifixo é o que permite correspondência, no âmbito da codificação, com as representações das duas distinções funcionais (escalaridade e concessividade) envolvidas nas formulações (interpessoal e/ou representacional) das construções adverbiais articuladas.

5 Considerações finais

Articulado ao quadro teórico-metodológico da GDF, este trabalho se perguntou, centralmente, de que modo é possível representar a associação entre os significados concessivo e escalar subjacentes ao uso das conjunções complexas *ainda que* e *mesmo que*.

Os resultados revelam que essas conjunções articulam o que aqui se denominou *construções concessivas escalares*, em que a circunstância (hipotética e/ou factual) designada pela oração (ou pelo segmento) adverbial é mais saliente e/ou proeminente (entre outras implicadas co(n)textualmente) para impactar e obstruir o fato expresso na oração principal. A permanência do significado escalar, próprio aos itens *ainda* e *mesmo* (base de formação das conjunções aqui abordadas), nessas construções concessivas permite atestar que *ainda que* e *mesmo que* se situam num ponto intermediário do contínuo léxico-gramatical. Esses dois pontos demandam, para uma adequada descrição e representação dessas construções conforme o modelo da GDF, duas questões: (i) o alinhamento multinível de representações, e (ii) a distinção de um novo tipo de primitivo morfossintático, o padrão conjuncional semifixo. O quadro 2 abaixo ilustra o modo como esses pontos implementam

a descrição e a representação das diferentes construções concessivas escalares articuladas por *ainda que* e *mesmo que* no português.

Quadro 2 – Representações das distintas construções concessivas escalares com *ainda que* e *mesmo que*

	Const. concessivo-condicional	Const. concessiva factual	Const. restritiva
NI:	$(A_1: [(C_1) (C_2)_{\text{Cont}}](A_1))$	$(A_1: [(C_1) (C_2)_{\text{Cont}}](A_1))$	$(M_1: [(A_1) (A_2)_{\text{Conc}}](A_1)) \rightarrow (A_2: [... (C/T)_{\text{Cont}} ...] (A_2))$
NR:	$((e_1): (\text{hyp } e_2)_{\text{Conc}} (e_1))$ $((p_1): (\text{hyp } p_2)_{\text{Conc}} (p_1))$	$((e_1): (e_2)_{\text{Conc}} (e_1))$ $((p_1): (p_2)_{\text{Conc}} (p_1))$	-----
NM:	$(^{\text{main}}\text{Cl}_1: [... (^{\text{dep}}\text{Cl}_2) \dots] (^{\text{main}}\text{Cl}_1))$	$(^{\text{main}}\text{Cl}_1: [... (^{\text{dep}}\text{Cl}_2) \dots] (^{\text{main}}\text{Cl}_1))$	$(\text{Le}_1: [(Cl_1) (Cl_2/Xp_1)] (\text{Le}_1))$
	$(^{\text{dep}}\text{Cl}: [[(\text{Gw: ainda/ mesmo}_{\text{Part}}) (\text{Gw}_{\text{Conj}})]_{\text{conect}} \dots] (^{\text{dep}}\text{Cl}))$	$(^{\text{dep}}\text{Cl}: [[(\text{Gw: ainda/ mesmo}_{\text{Part}}) (\text{Gw}_{\text{Conj}})]_{\text{conect}} \dots] (^{\text{dep}}\text{Cl}))$	$(Cl_2/Xp_1: [[(\text{Gw: ainda/ mesmo}_{\text{Part}}) (\text{Gw}_{\text{Conj}})]_{\text{conect}} \dots] (Cl_2/Xp_1))$

Fonte: Elaboração própria.

A proposta defendida por este artigo, ilustrada no quadro 2, revela em que medida a associação entre concessividade e escalaridade, típicas das construções aqui analisadas, pode ser representada: alinhando-se representações. Assim, no caso das construções concessivo-condicionais e concessivas factuais, alinha-se a representação, no Nível Interpessoal, da função pragmática Contraste, atribuída ao segundo Conteúdo Comunicado do Ato, com a representação, no Nível Representacional, da função semântica Concessão, atribuída ao Estado-de-Coisas e/ou Conteúdo Proposicional subsidiário. Já nas construções restritivas, a dupla representação se dá apenas no Nível Interpessoal: além de se atribuir a função retórica Concessão ao Ato Subsidiário, é necessário representar a atribuição da função pragmática Contraste ao núcleo desse Ato, que pode ser um Conteúdo Comunicado ou um Subato.

No Nível Morfossintático, as conjunções *ainda que* e *mesmo que* correspondem a padrões conjuncionais concessivos semifixos, o

que, enquanto membros associados a padrões semifixos (Keizer, 2013), garante a adequada representação não só da especificação do significado escalar para a relação concessiva, mas também do grau intermediário de composicionalidade e de analisabilidade que marca a constituição estrutural interna dessas conjunções complexas (Bybee, 2016).

Ao distinguir, então, um novo tipo de primitivo morfossintático (o *padrão conjuncional semifixo*), reflexo de múltiplos alinhamentos representacionais nos níveis da formulação, a proposta aqui descrita desenha algumas implementações para a abordagem vigente em torno às conjunções adverbiais no interior do modelo da GDF e é passível de ser estendida a um conjunto maior de conjunções adverbiais complexas.

Referências

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha & Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEZARIO, M. M. C.; SANTOS, M.; SANTOS SILVA, T. Formação da construção [Xque]conec no português. *Revista e-escrita: revista do curso de Letras da UNIABEU*, Nilópolis, v.6, n.3, p. 229-243, 2015.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. 2006. Acesso em: 20 ago. 2021.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part I: the structure of the clause. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997a.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Part II: Complex and derived constructions. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FELÍCIO, C. P. *A gramaticalização da conjunção concessiva 'embora'*. 2008. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

FONTES, M. G. *A distinção léxico-gramática na Gramática Discursivo-Funcional: uma proposta de implementação*. 2016. 260 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016.

FONTES, M. G.; MOREIRA, F. L. Formas de expressão da escalaridade em português. (*Con*)*Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 28, p. 120-139, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v14i28.31297>

FONTES, M. G.; CÂNOVAS, P. *Multifuncionalidade de “mesmo” no português contemporâneo*. Relatório final de Iniciação Científica. UFMS/CNPq. 2021.

FONTES, M. G.; TEIXEIRA, J. E. B. Construções concessivas intensivas com “por mais que”: uma abordagem discursivo-funcional. *Revista DELTA*, [S.L.], v. 39, n. 3, p. 1-29, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339354398>

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociência, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

GARCIA, T. S.; AMORIM, C. R. Estruturas concessivas intensivas no espanhol falado: um olhar discursivo-funcional. *Entretextos*, Londrina, v.17, n.1, p. 37-60, 2017. DOI:<http://dx.doi.org/10.5433/1519-5392.2017v17n1p37>.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: AUWERA, J. (org.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 335-419.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática Discursivo-Funcional (Trad. Marize Mattos Dall’Aglia-Hattner). In: SOUZA, E. R. F. (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43-82.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Reflections on the lexicon in Functional Discourse Grammar. *Linguistics*, Jena, v.54, n. 5), 2016, p. 1135-1162. DOI: <https://doi.org/10.1515/ling-2016-0025>

HENGEVELD, K.; WANDERS, G. Adverbial conjunctions in Functional Discourse Grammar. In: HANNAY, M.; STEEN, G. (eds.). *Structural-functional studies in English grammar: in honor of Lachlan Mackenzie*. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 211-227.

JUBRAN, C. C. A. S. Parentetização. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. p. 301-357.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v.66, n.1, p. 1-19, 1985a.

KÖNIG, E. Where do concessives come from? On the development of concessive connectives. In: FISIAK, J. (ed.). *Historical semantics. Historical Word-formation*. New York: Mouton de Gruyter, 1985b. p. 263-282.

KEIZER, E. The *X is (is)* construction: an FDG account. In: MACKENZIE, J. L. & OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 213-248

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

MACKENZIE, J. L. English spatial prepositions in Functional Grammar. *Working Papers in Functional Grammar*, Amsterdam, v. 46, n. 1, p. 1-26, 1992.

MACKENZIE, J. L. Adverbs and adpositions: The Cinderella categories of Functional Grammar. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, 42, p. 119-135, 2001.

MACKENZIE, J. L. Spatial adpositions between lexicon and grammar. In: MACKENZIE, J. L. & OLBERTZ, H. (eds.). *Casebook in Functional Discourse Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2013. p. 67-93

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. In: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado: novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 545-591

NEVES, M. H. M. A difusa zona adverbial: o caso da combinação de orações. *Revista Linguística*, Santiago de Chile, v.20, n.1, p. 25-47, 2008.

NEVES, M. H. M. *A gramática passada a limpo*. São Paulo: Parábola, 2012.

OLBERTZ, H.; GARCIA, T. S.; PARRA, B. G. El uso de ‘aunque’ en el español peninsular: un análisis discursivo-funcional. *Revista Linguística*, Montevideo, v. 32, n. 2, p. 91-111, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.5935/2079-312X.20160019>

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.22, n.1, p. 45-66, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.22.1.45-66>

OLIVEIRA, T. P. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. In: SOUZA, E. R. F. (org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.

OLIVEIRA, T. P. *Conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. 2008. 160 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

PÉREZ QUINTERO, M. J. On the Lexical/Grammatical Status of Adverbial Conjunctions in FDG. In: OLIVA, J. I.; MCMAHON, M.; BRITO, M. (eds.). *On the Matter of Words: In Honor of Lourdes Divasson Cilveti*. La Laguna: Servicio de Publicaciones, 2006. p. 329-339

PÉREZ QUINTERO, M. J. Grammaticalization vs. Lexicalization: the Functional Discourse Grammar view. *Revista Canaria de Estudios Ingleses*, La Laguna, v.67, n. 1, p. 97-121, 2013.

ROSARIO, I. C. Mesoconstruções concessivas intensivas de base adjetival. *Prolíngua*, [S.L.], v.9, n.2, 2014, p. 78-86. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/23944>. Acesso em: 3 jun. 2024.

SANTOS, G. A. S. *Um estudo discursivo-funcional dos usos conjuncionais de ‘nem’ e ‘nem que’ no português brasileiro*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2022.

SCHWENTER, S. A. Additive particles and scalar endpoint marking. *Belgian Journal of Linguistics*, [S.L.], v. 36, n. 1, 2002, p. 119-134. DOI: <https://doi.org/10.1075/bjl.16.09sch>

SCHWENTER, S. A. Lo relativo y lo absoluto de las partículas escalares *incluso y hasta*. *Oralia*, v. 3, 2000, p. 169-197. DOI: <https://doi.org/10.25115/oralia.v3i1.8512>

SCHWENTER, S. A. *Pragmatics of Conditional Marking: Implicature, Scalarity, and Exclusivity*. New York: Garland, 1999.

SCHWENTER, S.; TRAUGOTT, E. Invoking scalarity: the development of *in fact*. *Journal of Historical Pragmatics*, v. 1, n. 1, p. 7–25, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1075/jhp.1.1.04sch>

TEIXEIRA, A. C. P. *O uso de 'mesmo' em cartas do português brasileiro dos séculos XVIII, XIX e XX*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.

ZAMPRONEO, S. *Multifuncionalidade e intersubjetividade em construções concessivas: uma análise em ocorrências do português contemporâneo do Brasil*. 2014. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.